

Conhecimentos e regras explícitos e implícitos sobre género linguístico nos alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico: *a influência da classe formal do nome*

Celda Morgado Choupina

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/CLUP/ InED

Maria Adriana Baptista

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/CLUL/ InED

José António Costa

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/CLUP/ InED

Inês Oliveira

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/CLUP/ InED

Joana Querido

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/CLUP/ InED

Abstract: European Portuguese is a language with a grammatical gender system decisive to agreement. We will assume that gender feature is different from feature class, being mainly syntactic, whether considering syntactic or inherent gender. Morphological constituents that identify the formal classes are often mistaken for gender marks but, in fact, concerning the gender value of their own elements, classes are abstract and heterogeneous. In this article, the relation between class markers and noun gender values will be discussed, within Distributed Morphology framework, aiming to understand the influence of the former ones over Basic education students' implicit and explicit knowledge and rules about gender.

Keywords: Distributed Morphology, grammatical gender system, formal classes, implicit and explicit knowledge, didactics of gender in basic education

Palavras-chave: Morfologia Distribuída, sistema de género gramatical, classes formais, conhecimentos explícitos e implícitos, didática do género no Ensino Básico



Introdução

Ao longo deste artigo apresentaremos e problematizaremos alguns dos resultados de um projeto de investigação sobre género linguístico¹, destinado a: i) identificar os conhecimentos implícitos e explícitos sobre género em diferentes grupos etários, em ambiente de aprendizagem formal e não formal; ii) analisar e tipificar as estratégias de identificação de género a que os sujeitos recorrem; iii) construir uma tipologia do erro capaz de evidenciar os fatores de contaminação linguísticos e não-linguísticos, contribuindo para uma abordagem científica correta em manuais escolares e outros materiais pedagógicos, para um tratamento didático cientificamente informado nos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, e para uma representação interna da noção de género independente da noção de sexo. (Choupina, Baptista & Costa, 2014; Baptista *et al.*, 2013).

No estudo que aqui divulgamos, tivemos como objetivos específicos, ao nível teórico e formal, analisar a categoria género no sentido de perceber a sua relevância como um traço obrigatório para a concordância em Português Europeu (PE), independente da marca de classe formal, explorando alguns dos contributos da Morfologia Distribuída; ao nível da aprendizagem, entender a relação que se estabelece entre conhecimentos implícitos e explícitos e como esta relação pode contribuir para a construção de uma gramática interiorizada e, consequentemente, para a gramática exteriorizada, quer no domínio da produção, quer do conhecimento e do uso da metalinguagem. Finalmente, pretendemos contribuir para a construção de futuras propostas didáticas tendo em conta a otimização da aprendizagem do conteúdo género linguístico, no contexto dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Sendo comumente aceite que as línguas derivam de famílias distintas, pela investigação disponível para variadas línguas do mundo (cf. Corbett, 1991; Dryer & Haspelmath, 2013, e.o.) e pela investigação já desenvolvida por nós para o PE (cf. Baptista *et al.*, 2013a; Choupina, Baptista & Costa, 2014), consideramos que a filiação das línguas determina os sistemas e os valores de género gramatical. Como enquadramento teórico convocaremos contributos diversos no âmbito da descrição linguística (Câmara, 1970; Augusto e Corrêa, 2005; Villalva, 2000) e no

¹ Este artigo decorre da investigação desenvolvida no âmbito do projeto *Representações de e sobre género linguístico e suas implicações em contexto educativo*, inscrito e financiado pelo Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED), da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.



âmbito teórico e formal (Halle & Marantz, 1994, Marantz, 2001, Alexiadou, 2004), partindo do facto de que os sistemas de género são muito diversificados nas línguas do mundo que os possuem, não sendo necessariamente constituídos pela oposição privativa masculino/feminino (cf. Corbett, 1991; Choupina, Baptista & Costa, 2014). Algumas das línguas da família do Indo-Europeu apresentam três valores de género e outras reduziram-nos para dois, como aconteceu no Português (o neutro encontra-se, na atualidade, apenas nos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*). Sendo o PE uma língua derivada do Indo-Europeu, exhibe igualmente concordância de género, marcada pelo traço que o nome recebe, seja na primeira fusão da raiz com o morfema nominalizador (*f* morfema, em Morfologia Distribuída), seja por meio de afixação derivacional (Harris 1991; Alcântara, 2003). O género linguístico ou gramatical será por nós entendido como um sistema em que o traço do nome determina as formas dos elementos que com ele se relacionam sintaticamente (Corbett, 2013a; Pfau, 2009: 107).

Assim, no primeiro ponto do artigo, além de uma flexão em torno da investigação comparativa que se tem realizado e da descrição do género em PE, percorremos alguns dos modelos formais que nos permitem discutir a atribuição de género ao nome. Atraídos pela ideia de as raízes disponíveis e arquivadas num módulo prévio à sintaxe serem acategoriais, inspirar-nos-emos nos princípios da Morfologia Distribuída e distinguiremos nomes de género intrínseco (*mesa*, *planeta*, *panda*) de nomes de género sintático (*estudante*, *passagem*, *condessa*).

Estes pressupostos teóricos orientaram o estudo que aqui se apresenta no segundo ponto do artigo, pautando, assim, a elaboração dos instrumentos de recolha de dados junto de alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, nomeadamente dos 2.º, 4.º e 6.º anos, assim como a construção das hipóteses de trabalho e a análise e discussão dos dados recolhidos. Neste artigo, usamos apenas uma parte dos dados recolhidos, especificamente os relacionados com duas das hipóteses que levantámos: (i) verifica-se a existência de uma influência da classe temática do nome na atribuição do valor de género; (ii) há uma redução progressiva da influência do índice temático na identificação do valor de género ao longo dos três grupos etários estudados.

Desta forma, este estudo pretende contribuir para o entendimento dos mecanismos implícitos na construção de uma gramática interiorizada e para a compreensão dos contributos dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, quer nas representações quer nos



conhecimentos de e acerca do género linguístico, lançando hipóteses para a otimização da aprendizagem do conteúdo em PE.

1. Enquadramento teórico

Os estudos comparativos ao nível da descrição das línguas têm permitido: (i) constatar que o género não tem o estatuto de categoria gramatical em todas as línguas do mundo (Corbett, 1991, e.o.); (ii) descobrir que os valores de género são muito diversificados e em número muito variável (Corbett, 1991; 2013a e b, e.o.); (iii) mostrar que a arbitrariedade é tanto mais reduzida quanto os fatores de atribuição do valor de género estão dependentes de critérios semânticos, uma vez que género pode estar estritamente correlacionado com a noção de sexo dos referentes que os nomes designam (cf., Corbett, 2013c, Choupina, Baptista & Costa., 2014, e.o.); (iv) refletir sobre a atribuição do traço de género em sistemas formais, mostrando a diversidade de propostas a este nível (cf. Harris, 1991, Aronoff, 1994; Halle & Marantz, 1994; Alexiadou, 2004; Lowenstamm, 2008).

A distribuição apresentada no mapa seguinte ilustra, sucintamente, a existência de diferentes sistemas de género em diversas línguas do mundo e a diversidade dos valores que possuem.

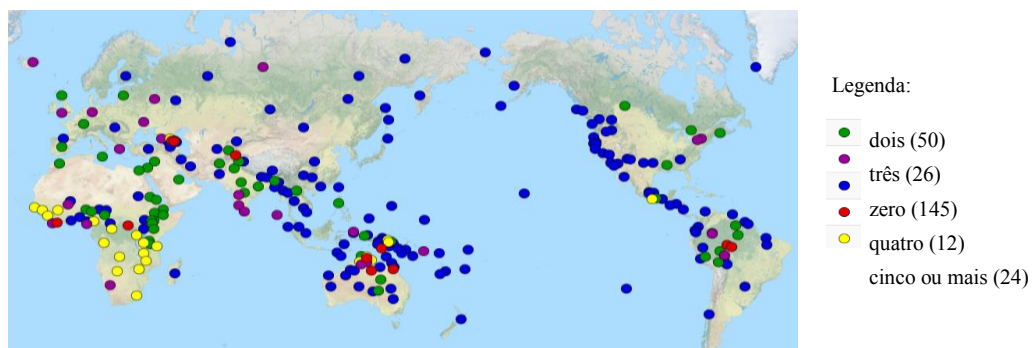


Fig. 1 – Distribuição do número de valores nos sistemas de género em várias Línguas do Mundo (fonte: WALS, 30A)



Como se pode observar no mapa da Fig. 1, extraída de *The World Atlas of Language structures* (WALS), uma ampla base de dados sobre propriedades e aspetos da estrutura das línguas, disponível *on line*, das 257 línguas do mundo estudadas², mais de metade (145), de continentes diferentes, não possuem sistema de género. Um sistema de género requer mais que um valor de género, sendo os sistemas com dois valores os mais comuns (50 línguas). Com três valores, há 26 línguas e com quatro foram detetadas apenas 12. Pode dizer-se que o grupo com sistemas maiores (cinco ou mais valores) é considerável, cerca de 24 línguas da amostra estudada, concentrando-se no continente africano. Segundo a mesma fonte, das 112 línguas da amostra que possuem sistemas de género, 84 encontram-se ancoradas em distinções de sexo e apenas 28 não se baseiam neste parâmetro biológico, entre estas encontram-se línguas das famílias Níger Congo (línguas de África) e Algonquiana (línguas do Norte da América) (cf. dados em Corbett, 2013a).

De facto, a confusão entre as noções de sexo e de género linguístico, alimentada numa grande parte das línguas, pode advir, por um lado, da coincidência dos termos utilizados para designar as categorias biológicas de sexo e os valores de género linguístico – masculino e feminino, e, por outro lado, da existência de sistemas de género baseados exclusivamente em fatores semânticos, em que parece não existir uma categoria morfossintática, mas apenas uma marcação linguístico-discursiva do sexo do referente quando tal explicitação é necessária para a comunicação (cf. Corbett, 1991; Dryer & Haspelmath, 2013). No grupo das línguas em que género e sexo são dois conceitos correlatos, sendo que linguisticamente se marca apenas uma das categorias de sexo, frequentemente o feminino, estão, por exemplo, o Tétum, o Cabo-verdiano de Santiago e a Língua Gestual Portuguesa (cf. Choupina, 2015).

No entanto, em algumas línguas, a categoria género é fortemente arbitrária, obrigatória e nem sempre correlacionada com sexo. A característica que melhor define o género é a sua obrigatoriedade na concordância, visível dentro dos sintagmas e das frases, independentemente do núcleo nominal, que define o valor de género: “The defining characteristic of gender is

2 Greville G. Corbett. (2013). Number of Genders. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível *on line*: <http://wals.info/chapter/30>, Consultado em 2015-07-22).



agreement: a language has a gender system only if we find different agreements ultimately dependent on nouns of different types. In other words, there must be evidence for gender outside the nouns themselves” (Corbett, 2013a).

1.1. O género em Português Europeu numa perspetiva da Morfologia Distribuída

O género linguístico é indiscutivelmente uma categoria obrigatória para a concordância das palavras nos sintagmas e nas frases (Harris, 1991; Picallo, 1991; Corbett, 2013a). Todos os nomes³ exibem um valor de género, num sistema binário (masculino/feminino), independentemente do mecanismo de atribuição (Villalva, 2000; Choupina, 2011; Baptista *et al.*, 2013a), que se transmite aos restantes elementos que com eles dialogam (determinantes, pronomes, quantificadores, adjetivos, participios verbais).

Assim, todos os nomes exibem um valor de género, quer sejam palavras simples (*mesa; planeta; elefante*), quer sejam palavras complexas (*galinha; casamento; casebre*); no entanto, poucos são os nomes que permitem o chamado contraste de género e naqueles que o parecem admitir não é realizado por flexão, mas por processos morfossintáticos variados (Villalva, 2000; Choupina, 2011; Baptista *et al.*, 2013a).

Estudos anteriores, para diversas línguas do mundo (Corbett, 1991, 2013; Halle e Marantz, 1994; Alexiadou, 2004), têm permitido compreender que os nomes se integram em classes formais. Para o PE, à semelhança do que acontece para o Português do Brasil (cf. Alcântara, 2003, 2010), podemos identificar cinco classes formais, diretamente relacionadas com a marca de classe - índice temático - tal como se representa na Tabela 1.

3 Em PE, aos nomes são atribuídas duas categorias – o género e o número –, ainda que com estatuto e marcações morfossintáticas diferentes: o número, ligado diretamente à quantidade, é de marcação opcional mas sistemático e flexional, enquanto o género é obrigatório mas arbitrário e não flexional.



Tabela 1 - Relação entre classes formais dos nomes e índice temático

Classe formal	Índice temático	Exemplo
Classe I	-o [u]	carro, tribo, gato
Classe II	-a [e]	mesa, mapa, cobra
Classe III	Ø/-e [i]	leite, ave, avestruz
Classe IV	atemático	avião, cão, café
Classe V	Ø	telemóvel, papel

As classes formais, em PE, apresentam tipicamente uma marca morfológica (índice temático) que as identifica formalmente, sendo (i) uma vogal átona que ocorre posposta e em adjunção ao radical (*carro+o*, *mes+a*, *leit+e*), (ii) atemática (*avião* forma atemática, que coincide com o radical) ou (iii) um vazio (*papel+ Ø*). Assim, nomes da classe I têm índice temático <-o>; nomes da classe II têm índice <-a>; nomes da classe III têm índice <-e> ou vazio no singular; nomes da classe IV são atemáticos, integrando radicais que terminam em ditongos orais ou nasais, tónicos ou átonos, vogais nasais, tónicas ou átonas, ou vogais orais tónicas; e nomes da classe V apresentam índice vazio, terminando em consoante e não formando o plural em <-es>.

Estas classes formais permitem organizar os nomes (e os adjetivos) da língua em grupos temáticos, não sendo correlacionáveis com os valores de género, desde logo porque são em número bem diferente do número de valores do sistema de género do PE e também porque em cada classe se encontram formas masculinas e formas femininas, como se ilustra nos exemplos apresentados na Tabela 2.



Tabela 2 – Formas nominais com diferentes valores de género por classes formais

Classe formal	Valor de género	
	Formas masculinas	Formas femininas
Classe I	copo	lívido
Classe II	mapa	capa
Classe III	pente	mente
Classe IV	pão	mão
Classe V	sal	paz

Todos os exemplos apresentados na Tabela 2 se referem a entidades não animadas, portanto sem qualquer relação semântica com a categoria biológica sexo. Tal facto é um forte argumento a favor da existência, no PE, de um sistema formal de classe temática e de um sistema de género, também ele formal, independentes de critérios semânticos.

Antes de mais, distinguiremos, no seguimento de trabalhos anteriores (cf. Baptista *et al.*, 2013a e b, Choupina, Baptista & Costa, 2014), nomes de género inerente de nomes de género sintático. Os nomes de género inerente (ou intrínseco) são, normalmente, bases simples, de género único, que não permitem a alteração do seu valor, como *mulher*, *criança*, *mesa*, *elefante*, e *carro*, a não ser que a estas se juntem afixos derivacionais ou modificadores. Os nomes de género sintático podem ser de dois tipos: (i) bases complexas, ou seja, nomes construídos na Sintaxe cujo género é único e não admite variação, como *açucareiro* e *caderneta*; (ii) bases simples, cujo radical não é especificado quanto ao valor de género imediatamente após a categorização, sendo que na Sintaxe admitem um dos dois valores disponíveis na língua, como *menino*, *pato* e *cliente*, com alteração ou não de classe formal.

Admitindo, na linha das propostas no âmbito da Morfologia Distribuída, que os radicais são acategoriais e existem, num repositório, a par de morfemas funcionais e de morfemas gramaticais (Halle & Marantz, 1994), assim como a existência de cinco classes formais, três identificadas por vogais (o, a, e) e duas vazias (Alcântara, 2003, 2010⁴), que permitem agrupar os nomes em

4 Em Alcântara (2003) são apresentadas, para o Português do Brasil, cinco classes formais e em Alcântara (2010) são reduzidas para quatro, tendo a autora integrado a classe dos nomes atemáticos e dos nomes de índice vazio numa mesma classe.



classes temáticas, poderemos analisar o nome segundo três premissas: (i) o nome resulta da fusão de uma raiz com uma categoria funcional *n* (cf. Marantz, 2001); (ii) categorias funcionais têm conteúdo; (iii) *n* é um categorizador definidor da categoria, da classe nominal e do traço de género, ainda que o *spell out* possa ocorrer depois da primeira fusão da raiz com o morfema categorizador (em especificador de nP), nomeadamente no caso de nomes de género sintático. À semelhança da proposta de Harris (1991) para o Espanhol, também no PE, as terminações dos nomes (índice temático) não são marcas de género, mas marcas de classe (cf. também Aronoff, 1994). Assim, classe e género não são traços do mesmo tipo: os traços de classe permitem inserir um Item de Vocabulário numa classe de nomes em que todos os elementos partilham o mesmo funcionamento morfológico; os traços de género promovem a organização dos nomes em grupos ou classes que determinam diferentes padrões de concordância sintática.

O PE é mais uma língua românica em que as raízes nominais são incluídas em classes, com realização ou não de marca vocálica, em que os elementos das classes e o valor de género não coincidem (cf. Alexiadou, 2004: 30-43, para o contraste entre línguas românicas, como o espanhol e o italiano, e o Hebreu), tal como se pode verificar pelos exemplos de (1) e (2).

(1) a casa_{fem} amarela_{fem} / o casaco_{masc} amarelo_{masc}

(2) a pá_{fem} grande_{fem} / o panda_{masc} grande_{masc}

Nestes exemplos é notado que a concordância de género é obrigatória entre os elementos dentro do sintagma, enquanto a concordância de classe não existe, isto é, o artigo, o nome e o adjetivo são sempre do mesmo género, mas o nome e o adjetivo podem ser de classes diferentes (cf. exemplos em (2)). Em cada um destes sintagmas nominais, o artigo, o nome e o adjetivo apresentam o mesmo valor de género, porque se dá uma cópia de traços do nome para a raiz adjetival (em MD a cópia pode ser realizada ao nível dos traços funcionais), e para a posição de especificador de DP, visível foneticamente no artigo definido. É nesta perspetiva que se considera que o traço de género do nome determina as formas que com ele se relacionam (Corbett, 2013a; Pfau, 2009).



A especificação da classe é inerente às propriedades do nome em PE (tal como em outras Línguas Românicas), sendo que todos os nomes carregam a especificação da classe. Quanto ao género, este ou é inerente ou sintático, como já antes se explicitou; ainda que não haja marca morfológica de género, este é um traço funcional que se reflete na concordância sintática e na seleção de determinantes.

Apresentamos, na Tabela 3, o cruzamento entre classes formais e formas de géneros diferentes, numa distribuição por tipos de base, nos nomes que designam seres inanimados.

Tabela 3 – Nomes de seres inanimados de género diferente por classes formais e por tipos de base

Nomes que designam seres inanimados				
Classe formal	Base simples		Base derivada/complexa	
	Formas masculinas	Formas femininas	Formas masculinas	Formas femininas
Classe I	caderno; braço; carro; copo	tribo; líbido	bracinho; casamento	moto; foto
Classe II	planeta, mapa aroma, drama	casa, concha mesa,	---	braçadeira carroça; caderneta
Classe III	leite, cabaz pente	mente flor; árvore	casebre; lembrete; computador	lambarice; trapalhice
Classe IV	pão, café jardim	mão, maçã lei, pá	casarão; casação	passagem; classificação
Classe V	sal, açúcar, mel, barril	paz, foz, tez	casal (conjunto de bens, propriedade)	---

Os nomes que designam seres inanimados distribuem-se pelas diferentes classes temáticas, sendo arbitrária a relação destas com o valor de género, como já se frisou. Também no PB, Augusto & Corrêa (2005), consideram que “a relação entre o género gramatical de uma palavra e a forma fonológica não é direta”, dado que também não há “uma correspondência biunívoca, ou seja, a correlação entre o marcador de classe – a vogal temática – e o género gramatical é altamente arbitrária” (Augusto & Corrêa, 2005: 216/7).

Em PE, Todos estes nomes têm género único, podendo, no entanto, ser alterado caso sejam base para a formação de novas palavras e, nestes casos, não estaremos a lidar com a mesma palavra, sendo atribuído novo valor de género (igual ou diferente do que a base geradora possuía), assim como nova classe formal: ao radical de <cadern_{radical simples}+O_{it}>, base simples da



classe I, de género masculino, pode juntar-se o afixo derivacional <-eta>, formando a base complexa <cadernet_{radical complexo}+a_{it}>, agora de género feminino e da classe II.

O mesmo princípio se encontra no conjunto dos nomes que designam seres animados: existência de formas nominais com diferentes valores de género nas cinco classes formais, quer em bases simples, quer em bases complexas. Neste grupo de nomes, não há total coincidência (acidental ou parcialmente motivada) do valor de género do nome com a categoria biológica de sexo do referente, como se pode observar pelos exemplos da Tabela seguinte.

Tabela 4 - Nomes de seres animados de género diferente por classes formais e por tipos de base

Nomes que designam seres animados				
Classe formal	Base simples		Base derivada/complexa	
	Formas masculinas	Formas femininas	Formas masculinas	Formas femininas
Classe I	gato, amigo, cavalo, o modelo	virago, a modelo	avozinho	---
Classe II	panda, gorila, o colega	amiga, gata, cobra, égua, testemunha, criança, pessoa, a colega	o jornalista, o artista, pandinha	a jornalista, o artista, princesa, galinha, avozinha
Classe III	elefante, príncipe, o cliente, castor	ave, mulher, a cliente, avestruz	o estudante, filhote, emigrante	a estudante, atriz
Classe IV	homem, pai, boi, avô	mãe, avó	mulherão, rapagão	cidadã
Classe V	pardal, réptil	fênix	casal (par de animais ou pessoas)	---

Em todas as classes, há nomes de género masculino e nomes de género feminino, independentemente da categoria de sexo que os referentes possam possuir. No entanto, há casos interessantes a realçar: (i) em nomes femininos como *testemunha*, *criança*, *pessoa* e *cobra*, de classe I, não há qualquer possibilidade, sem informação linguística extra, de saber se o referente é de sexo masculino ou de sexo feminino (são os chamados epícenos humanos ou sobrecomuns e epícenos animais); em nomes masculinos como *panda*, *gorila*, *elefante*, *castor* e *réptil*, de várias classes, também não há qualquer indicativo da categoria biológica do referente; em nomes como *mulherão*, de classe IV, o género é masculino (porque é o valor associado, no PE, ao aumentativo



em *-ão*), enquanto o referente é de sexo feminino; em nomes como *casal*, de classe V, poderemos estar a referenciar um par de animais ou de pessoas, do mesmo sexo ou de sexos opostos.

Nesta perspetiva, como explicar que o mesmo radical possa ocorrer em classes formais diferentes e com valores de género também distintos (ex. $\text{gat}_{\text{radical}} + \text{ORT/ART}$) ou pertencer à mesma classe, mas com valor de género diferente (ex. $\langle \text{o/a model}_{\text{radical} + \text{ORT}} \rangle$)? A resposta a esta questão, ou pelo menos uma hipótese de análise, parece-nos advir do modelo da Morfologia Distribuída (MD) (Halle & Marantz, 1994), em que palavras e sintagmas são formados na mesma componente da gramática e através dos mesmos mecanismos. Nesta perspetiva, entendemos, como linha de exploração em trabalhos futuros, que quer a classe formal, quer o valor de género não podem estar codificados na raiz (no Léxico), mas serem o resultado de codificação e atribuição sintáticas, ainda que em posições estruturais distintas, dentro do sintagma nominal.

Outro argumento a favor desta hipótese encontra-se na análise de bases nominais complexas, formadas por derivação, como é o caso de $\langle \text{art}_{\text{radical}} + \text{ist}_{\text{afixo}} + \text{ART} \rangle$, em que há a formação da palavra na Sintaxe, segundo a perspetiva da MD, com adjunção de um afixo, seguindo-se a atribuição de classe formal, distinta da da base simples $\langle \text{arte} \rangle$. Note-se que após a atribuição da classe formal ainda não está determinado o valor de género da palavra, podendo ser de género masculino $\langle \text{o artista} \rangle$ ou do género feminino $\langle \text{a artista} \rangle$, o que motiva o entendimento deste fenómeno como sintático, uma vez que o nome é não especificado no momento da categorização. Este argumento ganha ainda mais força se tivermos em conta bases nominais complexas derivadas de radicais não nominais, como seja $\langle \text{emigrante} \rangle$, para seres animados, ou $\langle \text{passagem} \rangle$, para seres não animados.

Para finalizar, a favor da ideia de que classe formal e género são distintos e independentes do radical, tomem-se como exemplo as palavras compostas, nomeadamente aquelas em que uma ou as duas bases não são nominais, como acontece no primeiro elemento do composto $\langle \text{guarda-chuva} \rangle$ e nos dois elementos de $\langle \text{dói-dói} \rangle$. Repare-se que no primeiro exemplo, ainda que haja um elemento nominal no composto, o género atribuído ao total da forma composta é o masculino (enquanto $\langle \text{chuva} \rangle$ era feminino); no segundo caso, os elementos são verbais, sendo que em PE formas verbais não possuem género (ao contrário de outras línguas do mundo). Pensamos que no



caso de compostos deste tipo, em que um ou mais elementos são formas verbais, o valor de género atribuído é sempre o masculino.

Em síntese, o género, em PE, é uma categoria gramatical, obrigatória em todos os nomes da língua (ou sintagmas nominais), essencialmente de natureza (morfos)sintática, independente da classe formal no nome e da categoria biológica que determina o sexo dos seres vivos, visível, então, como traço de concordância nos sintagmas e nas frases. Neste sentido, o género gramatical é um aspeto puramente linguístico, convencional, que divide os nomes em dois grupos - masculinos (*caderno, planeta, panda, filhote, casal*) e femininos (*tribo, casa, ave, mãe, foz*), sendo ou não especificados na fusão com o morfema categorizador, nomes como *gato, menino, modelo, artista, cliente, estudante* são não especificados no momento da categorização – não sendo possível estabelecer nenhuma regra geral que envolva os índices temáticos, uma vez que estes apenas dão informação de classe, organizando os nomes em cinco classes (e não duas (masc./fem.) como acontece no género). A única regra possível de ser formulada é de âmbito sintático, nomeadamente ao nível de sintagma - são do género masculino todos os nomes a que se pode antepor o artigo <o> e são de género feminino todos os nomes a que se pode antepor o artigo <a>.

Decorrente destas conclusões, tudo nos leva a crer que esta categoria, em PE, é um traço de concordância dentro do DP/NP e da F (cf. Harris, 1991; Picallo, 1991), não estabelecendo correlação direta com as terminações da palavra (índice temático), uma vez que estas não têm qualquer papel na concordância, apenas marcam a classe formal (cf. Villalva, 2000, e Rodrigues, 2013, para o PE; Alcântara, 2003, 2010 e Augusto & Corrêa, 2005, para o PB).

2. Estudo

Os pressupostos teóricos antes apresentados pautaram a elaboração de um inquérito (com metodologias *online* e *offline*) para aplicação a alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, distribuídos por três grupos (2.º, 4.º e 6.º anos), bem como a construção das hipóteses de trabalho e a discussão dos dados recolhidos. A opção pela seleção dos sujeitos em função do ano de escolaridade prendeu-se com as seguintes razões: a introdução explícita do conteúdo género ocorre no segundo ano de escolaridade; a avaliação externa de final de ciclo realiza-se no 4.º e no



6.º ano. O questionário tinha como objetivos recolher dados relativos a: aquisição e consolidação da noção de género gramatical e realização de concordâncias; relação das classes temáticas e marcas de classe (índice temático) com o valor de género; correlação entre os valores de género gramatical e as categorias de sexo; formação de palavras complexas e identificação do valor de género sintático; produção de concordâncias e de correferências.

Neste artigo, abordaremos apenas duas das hipóteses que levantámos: (i) verifica-se a existência de uma influência da classe temática do nome na atribuição do valor de género; (ii) há uma redução progressiva da influência do índice temático na identificação do valor de género ao longo dos três grupos etários inquiridos.

2.1. Método

Participantes

A amostra deste estudo é composta por 381 sujeitos, sendo que 192 (50,4%) são do sexo masculino e 189 (49,6%) são do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos.

Os sujeitos são alunos do Ensino Básico (EB): 27,8% (n=106) frequentam o 2.º ano de EB; 32% (n=122) o 4.º ano; 40,2% (n=153) o 6.º ano. Estes estudantes são originários de dois agrupamentos de escolas do grande Porto: 52% pertencentes a um agrupamento da periferia da cidade e 48% a um agrupamento do centro da cidade. No que se refere à situação escolar, a maioria dos alunos frequenta, pela primeira vez, o ano de escolaridade em que foi inquirido (92,4%), apenas 6% frequentando pela 2.ª vez e 1,6% pela 3.ª. A quase totalidade dos sujeitos da amostra (98,4%; n=375) tem a Língua Portuguesa como Língua Materna.

Instrumentos

Para proceder à recolha dos dados junto dos informantes, foi elaborado, pela equipa de investigadores, um guião de inquérito e materiais de apoio à aplicação do mesmo. Os materiais de apoio consistiram em imagens com a representação icónica dos referentes que os nomes a ser analisados no questionário atualizavam, tendo sido apenas utilizadas com alunos do 2.º ano.



O questionário era composto por questões fechadas, respeitantes a três dimensões de estudo: (i) dimensão concetual – 4 perguntas fechadas (4 itens) sobre a noção de género (valores de género e concordância); (ii) dimensão de identificação - 4 perguntas fechadas (20 itens) relativas à identificação do valor de género; (iii) dimensão de produção e aplicação - 4 perguntas fechadas (5 itens) com incidência na produção de palavras por derivação, na identificação do valor de género da palavra formada, na concordância e correferência. A necessidade de organização do questionário em três dimensões adveio da tomada de consciência, a partir dos dados relativos ao pré-teste, de que a dimensão identificação apresentava índices de sucesso inferiores às restantes. Tal constatação levou-nos a refletir sobre a forma como a gramática interiorizada é ultrapassada em tarefas de identificação, momento em que o ensino explícito parece anulá-la, e não nas tarefas de produção, fazendo pensar que a mediação da aprendizagem metalinguística contamina o conhecimento interiorizado. Alguns sujeitos identificam <cobra- macho> como sendo uma forma masculina, mas na produção de concordâncias e correferências realizam <a cobra macho é lindíssima>.

Procedimentos

Do pré-teste, realizado com 10 estudantes dos mesmos anos escolares dos inquiridos no estudo, resultou a reformulação de algumas questões: diminuição do número de possibilidades de resposta e fechamento das questões para um tratamento estatístico adequado, assim como a organização do inquérito em três dimensões estruturais.

A recolha de dados foi antecedida dos procedimentos normais: solicitação de consentimento informado aos pais; autorização do diretor dos agrupamentos, dos coordenadores de grupo disciplinar, dos docentes titulares de turma no 1.º Ciclo e dos diretores de turma e docentes de disciplina no 2.º ciclo.

A recolha decorreu entre maio e julho de 2014, tendo sido realizada pelos próprios investigadores. No 2.º ano do EB, a aplicação do inquérito foi individual – investigador/aluno - fora da sala de aula, consistindo em perguntas e respostas orais, com o auxílio de imagens, e registo simultâneo por escrito das respostas dadas. A opção pela interação oral entre o investigador e o informante neste ano de escolaridade deveu-se ao facto destes alunos terem



menor domínio na compreensão e na produção na modalidade escrita da língua. Nos 4.º e 6.º anos, foi realizada a aplicação do inquérito escrito, na sala de aula, respondido individualmente, em simultâneo por todos os alunos de cada turma, no decurso de um tempo letivo de uma disciplina, com a presença do professor da disciplina e de um elemento da equipa de investigadores.

2.2. Resultados

Conforme indicado no ponto sobre instrumentos, as questões incidiam em três dimensões bem distintas (conceitual; identificação; produção e aplicação), pelo que os resultados serão aqui também apresentados por dimensão. Os dados recolhidos foram inseridos numa base em SPSS e está ainda em curso o seu tratamento estatístico. De referir novamente que optámos por apresentar os dados que considerámos mais significativos para os objetivos e as hipóteses em análise:

- hipótese 1: verifica-se a existência de uma influência da classe temática do nome na atribuição do valor de género;
- hipótese 2: há uma redução progressiva da influência do índice temático na identificação do valor de género ao longo dos três grupos etários inquiridos.

2.2.1. Descrição dos dados

(i) Dimensão conceitual:

No âmbito da dimensão conceitual, uma das questões formuladas pretendia perceber se os sujeitos tinham adquirida a competência de concordância de género (com artigos e adjetivos). Realizada a categorização das respostas obtidas, percebemos que quase a totalidade dos sujeitos (84,5%; n=322) faz concordância entre o nome e o artigo e o adjetivo em todos os casos. Tendo em conta os alunos dos três anos de escolaridade, na questão de concordância não se registam diferenças significativas entre os grupos. Quando se perguntou aos alunos se sabiam as características de género das palavras, a quase totalidade (96,3%) da amostra refere ter conhecimento da existência do género e das categorias masculino e feminino. Seguidamente, as primeiras identificações dos valores de género, em que se pergunta qual o valor de género dos



nomes <sapato>, <escola> e <mosca>, mostram que a grande maioria dos alunos identifica corretamente o valor de género em todas as palavras (90,8%); é de salientar, porém, que dos que erram apenas 2,6% não o identificam em <mosca>.

(ii) Dimensão de identificação:

Na dimensão de identificação, apresentamos os dados relativos a duas questões, cada uma delas formada por cinco itens compostos por uma sequência de três palavras, em que uma palavra era de género diferente das restantes. Cinco itens incidiam em identificação de palavras femininas e outros cinco na identificação de palavras masculinas.

Os dados relativos ao conjunto de cinco itens para identificação da palavra feminina são apresentados na Tabela 5, em que se regista a percentagem de respostas corretas. A palavra salientada a negrito em cada sequência é a resposta correta.

Tabela 5 - Percentagem de respostas corretas por item e por ano de

Itens	2.º ano n=106	4.º ano n= 122	6.º ano n=153	Média total por item n=381
	%	%	%	%
carro, cobra , búzio	88,7	99,2	98,7	96,1
concha , planeta, mapa	64,2	93,4	90,2	84%
tribo , livro, carro	44,3	86,1	86,9	74,8
leite, ave , pente	74,5	97,5	91,5	88,7
computador, lápis, flor	79,2	93,4	95,4	90,3
Média total por ano	70,2	93,9	82,5	82,2

Dos cinco itens, aquele em que se obteve maior percentagem de respostas corretas, em todos os anos de escolaridade, foi o primeiro, com referente animado, de classe II (índice temático <-a>), integrado numa sequência em que as outras duas palavras pertencem à classe I (índice temático <-o>) e têm referentes inanimados, e em que a palavra feminina a identificar é <cobra>. O item em que se obteve menor percentagem de respostas corretas foi, sem dúvida, o terceiro, em



que a palavra a ser identificada era <tribo>, pertencente à classe I e integrada numa sequência em que a totalidade das palavras apresentadas é da mesma classe (índice temático <-o>), ainda que tenham referentes inanimados. De realçar que, no 2.º ano de escolaridade, a percentagem de respostas corretas no item <tribo> foi inferior a 50% (precisamente 44,3%). No conjunto dos três anos de escolaridade, o 4.º ano foi aquele em que se recolheu maior índice de respostas corretas no total dos cinco itens (93,9%).

No que respeita às classes formais e aos traços semânticos dos referentes, considerando a média total por item, verificou-se a seguinte ordem: classe II, com referente animado, <cobra>; classe III, com índice Ø no singular e com referente inanimado, <flor>; classe III, com referente animado, <ave>; classe II, com referente inanimado, <concha>; classe I, com referente animado, <tribo>.

Vejam agora os dados relativos aos cinco itens de identificação de palavras femininas na Tabela 6, em que apresentamos a percentagem de respostas corretas por item e por ano de escolaridade.

Tabela 6 - Percentagem de respostas corretas por item e por ano de escolaridade na tarefa de identificação de palavras masculinas

Itens	2.º ano n=106	4.º ano n= 122	6.º ano n=153	Média total por item n=381
	%	%	%	%
tartaruga, caranguejo , mesa	87,7	96,7	93,5	92,9
gata, panda , cobra	73,6	91,8	90,2	86,1
elefante , ave, lebre	77,4	93,4	90,8	87,9
avestruz, papel , perdiz	64,2	91	86,9	81,9
criança, cozinheira, diretor	78,3	92,6	92,8	88,7
Média total por ano	76,3	93,1	90,3	86,6

Tal como ocorreu nos itens para identificação da palavra feminina, nos itens para identificação da palavra masculina, obteve maior índice de percentagem de respostas corretas a palavra que se encontra num contexto de contraste de índices temáticos, a única que apresenta um índice diferente. Assim, <caranguejo> é a palavra que, nos três anos de escolaridade, apresenta



maior percentagem de respostas corretas, sendo uma palavra com referente animado, pertencente à classe formal I (índice <-o>), num contexto linguístico em que as restantes duas palavras são de índice <-a>, ainda que uma com referente animado e outra com referente inanimado. Neste item, o 4.º ano continua a obter melhores percentagens de acerto do que os restantes dois anos, revelando alguma progressão do 2.º para o 4.º ano e regressão deste para o 6.º ano.

O item que obteve menor percentagem de respostas corretas foi o quarto, em que a palavra masculina é <papel>, da classe V, com índice Ø, e com referente inanimado, num contexto linguístico em que as restantes palavras pertencem à classe formal III, com índice Ø no singular, mas com referentes animados. O segundo item com piores resultados, também nos três anos, é <panda>, palavra pertencente à classe II e integrada numa sequência em que a totalidade das palavras apresentadas é da mesma classe (índice temático <-a>), ainda que todas tenham referentes animados.

No que respeita às classes formais e aos traços semânticos dos referentes, considerando a média total por item, verificou-se a seguinte ordem: classe I, com referente animado, <caranguejo>; classe III, com índice Ø no singular e com referente animado, <diretor>; classe III, com referente animado, <elefante>; classe I, com referente animado, <panda>; classe V, com referente inanimado, <papel>.

Dimensão de produção e aplicação

Na dimensão de produção e aplicação foram incluídas questões relativas a: (i) produção de palavras por associação de bases simples a outras unidades linguísticas (morfemas presos, livres e índices temáticos) e consequente identificação do valor de género da palavra formada; (ii) produção de cadeias de correferência e de concordância.

Consideremos, em primeiro lugar, os dados relativos à produção de palavras novas e identificação correta do seu valor de género, a partir dos dados constantes da Tabela 7.

Tabela 7- Percentagem de respostas corretas por item e por ano de escolaridade nas tarefas de produção de novas palavras e de identificação de valor de género



Itens	Produção de palavras (por associação de unidades)					Identificação do valor de género nas palavras produzidas			
	2.º ano n=106	4.º ano n=122	6.º ano n=153	Média total n=381		2.º ano	4.º ano	6.º ano	Média total
-inha	53,8	65,6	60,1	60,1		98,2	98,8	97,8	98,3
-inho	91,5	95,1	93,5	93,4		94,8	96,6	96,5	96,1
-o	0,9	0,8	0	0,5		100	100	0	100
-a	27,4	34,4	39,2	34,4		100	95,2	98,3	97,7
fêmea	64,2	63,9	71,9	67,2		88,2	96,2	99,1	95,3
-esa	50,9	77	79,1	70,6		96,3	98,9	98,3	98,1
-eta	55,7	76,2	80,4	72,2		93,2	97,8	97,6	96,7

Na produção de palavras novas por associação de morfemas presos a bases lexicais, os alunos revelam preferência, nos três anos escolares, pelo uso do morfema *-inho* (média total de utilização correta 93,4%), com alta percentagem de respostas corretas na identificação do valor de género nas palavras formadas (média total de identificação 96,1%).

Os elementos menos utilizados na formação de palavras novas foram os índices temáticos <-o> e <-a>, nos três anos, e, em muitos dos casos em que foram utilizados, foram-no incorretamente, daí que a percentagem média de utilização correta seja muito baixa (0,5% para o índice da classe I e 34,4% para o índice da classe II). De salientar que sempre que foi utilizado corretamente o índice <-o> foi identificado corretamente o valor de género da nova palavra e que no caso do índice <-a> houve alguns erros na identificação. A palavra <fêmea> foi utilizada corretamente (em média 67,2% das vezes) pelo total dos sujeitos da amostra, sendo que os estudantes do 6.º ano de escolaridade foram os que apresentaram maior percentagem de uso e/ou acerto (71,9%).

Comparando as percentagens médias de utilização correta das várias unidades linguísticas e as respetivas percentagens médias de identificação correta do valor de género verificamos que os alunos identificam corretamente o valor de género com mais facilidade do que constroem novas palavras.



Observe-se, a seguir, a Tabela 8, onde se apresentam os dados percentuais para os itens de correferência e de concordância, por ano de escolaridade, em tarefas de produção.

Tabela 8 - Percentagem de respostas corretas em itens de correferência e de concordância por ano de escolaridade em tarefas de produção

Anos de escolaridade	Item de correferência (%)	Item de concordância (%)
	A borboleta-macho... a primeira/o primeiro...	O João é ... um/uma criança...
2.º ano (n=106)	76,4	88,7
4.º ano (n=122)	54,9	86,1
6.º ano (n=153)	71,9	88,9
Média total (n=381)	67,7	87,9

No item de correferência era solicitado ao aluno que preenchesse um espaço em branco com uma de duas opções, <a primeira> ou <o primeiro>, esperando-se que construísse a correferência do referente nominal <borboleta-macho>, (3).

(3) A **borboleta-macho**, logo pela manhã, é *a primeira/o primeiro* a sair dos casulos.

No item de concordância era solicitado ao aluno que preenchesse o espaço na frase, esperando-se a realização da concordância em género entre o nome <criança> e o determinante indefinido, (4).

(4) O João é *um/uma* **criança** que costuma ir ao quadro todos os dias.



Considerando os dados apresentados na Tabela 8, o desempenho dos estudantes, nos três anos em estudo, é superior no item de concordância do que no item de correferência.

No que se refere à tarefa de realização de concordância entre o determinante indefinido e o nome de classe I, com um referente animado, os três anos apresentam resultados superiores a 85%.

Os melhores resultados na produção de correferências verificam-se no 2.º ano, cerca de 77% de respostas corretas. O 4.º ano é o que apresenta piores resultados na produção de correferência com <borboleta-macho>, contrariamente ao que seria de esperar pelos resultados dos alunos deste ano de escolaridade obtidos nas tarefas de identificação do valor de género (cf. Tabelas 5 e 6) e nas tarefas de produção de novas palavras e identificação do seu valor de género (cf. Tabela 7) antes apresentados. No entanto, fazendo um cruzamento entre os resultados obtidos no item de correferência e um item de identificação que recaía sobre a avaliação de pares de palavras como sendo ou não contrastes ou pares de género obtivemos, para o nome epiceno <gorila>, os resultados apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 – Percentagem de respostas corretas em itens de identificação e de produção de correferência por ano de escolaridade

Anos de escolaridade	Item de correferência (%)	Item de identificação (%)
	A borboleta-macho... a primeira/o primeiro...	o gorila-macho/ o gorila-fêmea
2.º ano (n=106)	76,4	29,2
4.º ano (n=122)	54,9	41,8
6.º ano (n=153)	71,9	25,5
Média total (n=381)	67,7	31,8

No item de identificação, foi proposto aos estudantes que indicassem quais dos pares de palavras apresentados consideravam ser pares de género da mesma palavra. Para o item <o



gorila-macho/ o gorila-fêmea> as respostas corretas foram, nos três anos de ensino, em percentagem muito inferior a 50%. O 4.º ano apresenta maior percentagem de acertos na avaliação do par como não sendo um par de género, mas, em contraste, apresenta a menor percentagem de respostas corretas na produção da correferência. O 2.º ano apresenta melhores resultados nas duas tarefas do que o 6.º.

Desta correlação de dados conclui-se que o nível de desempenho é mais elevado nos itens de produção do que nos itens de identificação.

2.2.2. Discussão dos resultados

Para a discussão dos resultados, retomemos as hipóteses consideradas neste estudo: hipótese 1 - verifica-se a existência de uma influência da classe temática ou formal do nome na atribuição do valor de género; hipótese 2 - há uma redução progressiva da influência do índice temático na identificação do valor de género ao longo dos três grupos etários inquiridos.

A primeira hipótese parece confirmar-se, pois constata-se, nos itens de identificação, a valorização do índice temático, tomado explicitamente como referência na identificação do género, e a existência de dificuldades quando o índice da palavra em análise não se diferencia das restantes (não contrastando no contexto linguístico do item) ou quando as palavras são atemáticas ou de tema vazio. O número de respostas corretas para palavras terminadas em <-o> (classe I) e em <-a> (classe II) é maior no 4.º ano do que no 2.º; porém, no 6.º ano é inferior relativamente ao 4.º. Esta diferença, se associada a uma maior familiaridade com o léxico, suscita alguma surpresa e leva-nos a concluir que, provavelmente, há alguma incapacidade na recuperação das estratégias sintáticas aprendidas para a identificação de género até ao 4.º ano de escolaridade.

Em itens de identificação de palavras femininas, o efeito da aprendizagem é muito significativo se comparado com os dados de identificação de palavras masculinas. Depois de comparados os índices de percentagem obtidos no item <cobra> e no item <tribo>, nas palavras femininas, percebemos que o que parece revelar maior influência é o conhecimento das classes formais do Português. A palavra <cobra> é da classe II e do género feminino, o valor de género mais produtivo em palavras desta classe; enquanto a palavra <tribo> é da classe formal I e do género feminino também, um valor de género pouco produtivo nesta classe, sendo o item que



maior dificuldade levantou em qualquer um dos três anos observados. Outro dado que permite justificar esta diferença de respostas corretas nestes dois grupos de itens é também o contexto linguístico, ao nível dos índices temáticos, em que estas palavras se encontravam nas seguintes condições: <cobra> era a única palavra de índice <-a> na sequência e <tribo> encontrava-se numa sequência em que todas as palavras eram de índice <-o>.

Nas palavras masculinas, em todos os anos, regista-se maior dificuldade quando as palavras são atemáticas ou de tema vazio. Assim, o item que obteve menor percentagem de respostas corretas foi o quarto, em que a palavra masculina é <papel>, da classe III, com índice vazio no singular, e com referente inanimado, num contexto linguístico em que as restantes palavras pertencem à mesma classe formal, mas com referentes animados. Isto pode mostrar que os traços [+ animado] e [+ sexo] confundiram os estudantes e prevaleceram no momento da identificação do valor de género, dada a percentagem de resposta incorretas e a existência de respostas do género “não há masculinas”. Ainda na identificação, o segundo item com piores resultados, também nos três anos, é <panda>, palavra pertencente à classe II e integrada numa sequência em que as restantes palavras apresentadas são da mesma classe (índice temático <-a>), ainda que todas tenham referentes animados. De referir que <panda>, um nome deadjetival que se forma por truncção do composto <urso-panda>, no conjunto dos itens masculinos, e <tribo>, no conjunto dos femininos, apresentam um valor de género que contraria a falsa regra de que os índices veiculam informação de género, sendo que palavras de índice <o> são masculinas e palavras de índice <a> são femininas. Estes dados mostram que há influência do índice na atribuição de valor de género, mas que não é um critério exclusivo.

A segunda hipótese parece confirmar-se apenas parcialmente. Seria necessário aplicar novos testes para perceber se, de facto, há uma redução progressiva da influência do índice temático na identificação do valor de género ou se outros fatores linguísticos e não linguísticos acabam por se sobrepor.

De facto, os dados parecem revelar que há uma progressão da influência do índice do 2.º para o 4.º - o número de respostas certas para palavras terminadas em <-o> e em <-a> é maior no 4.º ano do que no 2.º - mas no 6.º ano essa influência parece ser menor. No entanto, esta regressão da influência dos índices na atribuição do valor de género no 6.º ano não se traduz numa valorização



de critérios sintáticos ao nível da concordância e do papel que o género desempenha a este nível, pelo contrário, há a valorização de critérios semânticos.

Quando estamos perante um nome cujo referente é animado, tradicionalmente denominados nomes *epícenos*, a informação de sexo do referente, dada pelo processo de composição com <macho> e <fêmea>, sobrepõe-se à informação de classe formal e ao conhecimento intuitivo que o estudante tem sobre o papel do género na concordância. Ainda que os resultados nos itens que incidiam em produção de concordância sejam superiores aos obtidos na produção de correferência, é no conhecimento explícito e na terminologia linguística que os estudantes falham mais, no geral, descendo consideravelmente o seu desempenho nestes itens (cf. Tabelas 8 e 9).

Em nomes cujos referentes sejam inanimados, e que apareçam descontextualizados linguisticamente, a informação da classe formal da palavra sobrepõe-se ao conhecimento intuitivo de género (seja o inerente, seja o sintático), dado que a correlação entre índice temático da palavra e a classe formal é direta e o valor de género é arbitrário.

No entanto, em tarefas de identificação, em nomes cujos referentes sejam animados, a informação linguística da categoria biológica sexo ou o conhecimento dessa categoria que o indivíduo tem, no âmbito do conhecimento do mundo, sobrepõem-se à informação de classe formal. O mesmo não acontece nas tarefas de produção, uma vez que o conhecimento intuitivo do papel do género na concordância das palavras nos sintagmas e nas frases opera com grande propriedade sobre a aprendizagem da metalinguagem ou o ensino explícito, sendo este pressuposto que nos permite justificar que em muitas das tarefas o 6.º ano apresente piores resultados que o 4.º ano e este, por sua vez, em algumas tarefas, apresenta ainda resultados ligeiramente inferiores ao 2.º ano de escolaridade.

A existência de um número não esperado de respostas incorretas em alguns itens no 6.º ano leva-nos a pensar que as estratégias utilizadas para ensinar o conteúdo género têm de ser repensadas, não havendo evidências, considerando os dados apresentados, de um ensino em progressão. No ensino explícito do género, a progressão pedagógica deve iniciar-se por tarefas de produção relativas a concordância, seguidas de tarefas de correferência e, posteriormente, das várias tarefas de identificação. O ensino explícito, que muitas vezes inclui a *pseudorregra* de associação entre género e índice temático (cf. Baptista *et al.*, 2013), exerce uma forte influência



sobre a gramática interiorizada do aluno, o que permite compreender que, intuitivamente, os alunos produzam enunciados que contrariam o que afirmam quando explicitamente questionados sobre certos aspetos relativos ao género, nomeadamente na identificação do valor de género de nomes como <tribo>, <mapa>, <panda>, <cobra-macho> e <gorila-fêmea>, por exemplo.

Para terminar, parece ser possível estabelecer uma sequência *concordância-correferência-identificação* para caracterizar o percurso evolutivo da criança na aquisição/aprendizagem do género, hipótese a verificar posteriormente com estudos relativos à aquisição da linguagem.

Conclusões

Neste artigo, descrevemos o sistema de género dos nomes em PE, na sua relação com o sistema de classes formais, tendo por base os pressupostos da Morfologia Distribuída. Tínhamos como objetivos não só descrever os sistemas numa perspetiva comparada, mas também perceber qual a influência que o sistema de classes formais exerce nos conhecimentos e regras explícitos e implícitos sobre género de alunos dos 1.º e 2.º ciclos do EB.

Os nomes, no PE, podem ser agrupados em cinco classes formais, dependendo da marca temática, as quais não apresentam correlação com o sistema de género. O sistema de género é binário ao nível dos valores de género, podendo os traços de masculino e feminino ser atribuídos em momentos distintos da derivação, uma vez que o género pode ser intrínseco ou sintático.

Dado que em muitas situações, assim como em estudos anteriores sobre o género, se apresentam as marcas de classe formal como marcas de género e se têm como referência para a formalização de regras, inclusive em materiais pedagógicos e práticas de ensino formais e não formais, pretendemos perceber em que anos escolares esta situação se verificava e em que condições. Percebemos, então, que os índices ou marcas de classe exercem forte influência na identificação de género ao longo dos três anos, sendo um critério de referência; porém, os dados de produção revelaram que o traço de concordância em género no sintagma e na frase se sobrepõe de alguma forma àquele critério quando o ensino explícito não dominou o conhecimento intuitivo dos estudantes enquanto falantes nativos do Português. No que se refere à redução progressiva daquela influência, tal verificou-se apenas do 4.º para o 6.º ano, mas tal não se traduziu em maior índice de sucesso nem em itens de tarefas de identificação, nem de



produção, dado que se sobrepôs o critério semântico da categoria biológica de sexo dos referentes, ainda que na produção os resultados dos estudantes que completavam o 2.º ciclo do Ensino Básico tenham sido melhores.

Sendo o género uma categoria gramatical, importa, em primeiro lugar, que o seu ensino explícito afaste a confusão induzida por critérios não linguísticos (conhecimento dos referentes no mundo real, categoria de sexo dos referentes) e, em segundo, que distinga os dois sistemas formais da língua: o sistema de classes, que apenas se apresenta como uma categorização temática, abstrata e formal, com repercussões morfológicas, e o sistema de género, que se apresenta como uma categoria sintática, com impacto na concordância entre diferentes elementos linguísticos, ao nível dos sintagmas e das frases. Assim, o ensino deve mobilizar critérios linguísticos como: (i) mecanismos de concordância e sua importância; (ii) género intrínseco e género sintático; (iii) processos morfológicos e processos morfossintáticos de formação de palavras e valor de género.

Referências

- Alcântara, C. (2003). *As classes formais do Português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da Morfologia Distribuída*. Tese de doutoramento apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Alcântara, C. (2010). As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 45, n.º 1, 5-15.
- Alexiadou, A. & Muller, G. (2004). *Class features as probes*. Ms. Universität Stuttgart: Universität Leipzig.
- Alexiadou, A. (2004). Inflection Class, Gender and DP Internal Structure. In G. Müller (ed.). *Explorations in nominal inflection*, 21-49. Berlin: Walter de Gruyter.
- Aronoff, Mark. (1994). *Morphology by Itself: Stems and Inflectional Classes*. (Linguistic Inquiry Monograph, 22.) Cambridge, Mass: MIT Press.



Augusto, M. & Corrêa, L. (2005). Marcação de gênero, opcionalidade e genericidade.

Linguística, v. 1,
n.º 2, 207-234.

Baptista, A. *et al.* (2013a). Representação e aquisição do gênero linguístico em PE: Alguns contributos a partir da análise de materiais pedagógicos. In *Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, (Simpósio 5 - Estudos Linguísticos e Literários de Língua Portuguesa na Educação Básica). 216-224. URL: http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_05.pdf

Baptista, A. *et al.* (2013b). Conhecimentos implícitos e explícitos de gênero linguístico e suas implicações no ensino. In Madalena Teixeira *et al.* (orgs.) *Ensinar e Aprender Português num Mundo Plural*. Santarém: Escola Superior de Educação e Universidade Federal de Uberlândia. Gráfica da Benedita. ISBN: 978-972-9434-05-1. 17-52.

Bernstein, Judith (1993). *Topics in the Syntax of Nominal Structure Across Romance*. Doctoral dissertation, CUNY.

Botelho, J. M. (2004). *O gênero imanente do substantivo no português*. Rio de Janeiro: Botelho.

Câmara JR., J. M. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press. Versão portuguesa com tradução de Raposo, E. P. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho.

Choupina, C. M. (2015). O gênero nos nomes em PE e em línguas de contacto de modalidades diferentes: natureza e processos de realização. In Ferreira, A.M. & Brasete, M.F. (Eds.), *Pelos mares da Língua Portuguesa 2* Aveiro: UA Editora. ISBN: 978-972-789-437-6. 481-499.

Choupina, C., Baptista, A. & Costa, J. A. (2014). A gramática intuitiva, o conhecimento linguístico e o ensino-aprendizagem do gênero em PE. In *Anais do IV Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2014. ISSN: 2237-8758.

Choupina, C.M. (2011). Reflexões sobre o gênero em Português Europeu e em Tétum. In *Revista electrónica elingUP*, nº 1, v. 3. 64-77. URL: http://cl.up.pt/elingup/vol3n1/article/article_5.pdf.

Corbett, G. (1991). *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.



- Corbett, G. (2013a). Number of Genders. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível on line em: <http://wals.info/chapter/30>, Consultado em 2015-07-22.)
- Corbett, G. (2013b). Sex-based and Non-sex-based Gender Systems. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível em: <http://wals.info/chapter/31>, Consultado em 2015-07-22.)
- Corbett, G. (2013c). Systems of Gender Assignment. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível em: <http://wals.info/chapter/32>, Consultado em 2015-07-22.)
- Dryer, M. S. & Haspelmath, M. (eds.) (2013). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível on line em: <http://wals.info>, Consultado em 2015-07-22.)
- Halle, M. & Marantz, A. (1994). Some Key Features of Distributed Morphology. In A. Carnie, H. Harley & T. Bures, (eds.) *Papers on phonology and morphology*. MIT Working Papers in Linguistics, 21, 275-288.
- Harris, James (1991). The Exponence of Gender in Spanish. *Linguistic Inquiry* 22. 27-62.
- Lowenstamm, J. (2008). On Little N, $\sqrt{\text{ }}$, and Types of Nouns. In Hartmann, J., Hegedüs, V. & van Riemsdijk, H. C. (eds.). *Sounds of Silence: Empty Elements in Syntax and Phonology*. Oxford & Amsterdam: Elsevier, pp. 105-143.
- Lucchesi, D. (2003). A categoria gramatical do género: universais, mudança e criouliização. In *Razões e Emoções. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.429-450.
- Marantz, A. (2001). *Words and things*. Handout of a talk at the XX West Coast Conference on Formal Linguistics, University of Southern California, 29 p. [On-line]. (Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/ALI/Handouts/ALIThird.pdf>, Consultado em 12-02-2012)₃₀



- Pfau, R. (2009). *Grammar as processor: a distributed morphology account of spontaneous speech errors*. John Benjamins: Linguistik Aktuell/Linguistics Today.
- Picallo, C. (1991). Nominals and nominalization in Catalan. *Probus*, 3 (3), p. 279-316.
- Villalva, A. (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG/FCT.

